

Por um estudo extratextual
da obra literária:
o exemplo de *As crônicas de Nárnia*,
de Clive Staples Lewis

*For an Extratextual Study
of the Literary Work.
The Case of The Chronicles of Narnia,
by Clive Staples Lewis*

137

Sabrina Rosa Gonçalves*
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS

Vera Teixeira de Aguiar*
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS

RESUMO: O presente trabalho versa sobre a questão extratextual da narrativa literária, o livro como produto. O objetivo deste artigo é verificar como se dá a circulação do conjunto de contos *As crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis, no mercado editorial, sob o rótulo de literatura juvenil. Para tanto, o artigo divide-se em quatro partes: A primeira trata do leitor extratextual, com base nos estudos de Pierre Bourdieu, Robert Darnton e Vera Aguiar. A segunda, a qual aborda a questão da literatura juvenil, fundamenta-se nas pesquisas de Mário

* Mestranda em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista do CNPq/PUCRS.

* Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do CNPq.

Corso, Jaime Padrino e Alice Martha; Na terceira seção, tem-se informações sobre o autor do conjunto de textos a ser utilizado; e, por fim, a quarta parte trata da análise da obra escolhida enquanto produto.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Literatura. Juventude.

ABSTRACT: This paper is about the issue of extratextual literary narrative, the book as a product. The purpose of this article is to verify how is the circulation of the collection of tales *The Chronicles of Narnia* by C. S. Lewis, in publishing, under the label of juvenile literature. Thus, the article is divided in four sections: The first deals with the extratextual reader, based on the studies of Pierre Bourdieu, Robert Darnton and Vera Aguiar; The second, which addresses the issue of juvenile literature, is based on the research of Mario Corso, Jaime Padrino and Alice Martha; In the third section, there is information about the author of the collection of texts that will be used; and, finally, the fourth part leads with the analysis of the work chosen as a product.

KEYWORDS: Reading. Literature. Youth.

A sociologia da leitura

A sociologia da leitura trata do leitor extratextual, isto é, estuda esse polo do sistema literário, não partindo dele como construção de linguagem dentro de uma obra, mas incluindo as experiências e também as influências externas da sociedade em que está inserido. Tais fatores têm o poder de controlar tanto a qualidade como a qualidade do consumo do produto. Para Aguiar (2012, p. 145), “significa dizer que a sociologia da literatura desconsidera o valor literário, intrínseco às obras, para se ater ao largo contexto de sua circulação e seu uso, buscando aí as razões do sucesso e da permanência de muitas delas”.

Dialoga com esse conceito o projeto sociológico de Pierre Bourdieu, que traz um item reservado à investigação do que postula como “regras da arte”, e deste modo contribui para o desenvolvimento da discussão sobre uma prática que distingue o ser humano: a figuração simbólica da realidade. Assim, o estudioso fala sobre a gênese do “campo literário”¹, base para explicar a

¹ Definido por Aguiar (1996, p. 239) como “espaço social de produção, distribuição e recepção da literatura, incluindo aí todas as instituições encarregadas da dinâmica desses processos”.

máxima de que a criação artística só se dá por meio do mapeamento das mediações inseridas entre obra e leitor. O teórico faz, então, observações sobre o movimento da arte da segunda metade do século XIX, o momento em que se percebe a autonomia do artístico, em particular do literário:

Na segunda metade do século XIX, momento em que o campo literário chega a um grau de autonomia que jamais ultrapassou depois, tem-se, assim, uma primeira hierarquia segundo o grau de dependência real ou suposta com relação ao público, ao sucesso, à economia. Essa hierarquia principal vê-se ela própria recortada por uma outra, que estabelece [...] segundo a *qualidade social* e “*cultural*” do público atingido [...] e segundo capital simbólico que assegura aos produtores ao conceder-lhes seu reconhecimento (BOURDIEU, 1996, p. 247-248).

Tal autonomia concede lugar a um novo circuito de relações que envolvem o criador e o receptor, mais enredado do que os projetos de dominação declarada dos patrocínios papais ou do estado. Em sua obra intitulada *As regras da arte*, o teórico coloca em evidência três similares projetos de arte, de três vanguardistas: os dos escritores Flaubert e Baudelaire, e o do pintor Manet, identificados pelo entendimento do ato de criação como um investimento predominantemente estético.

Esse aparente afastamento, entretanto, marca uma posição dentro da zona onde atua a arte, forçando, assim, um novo modo de contemplar o objeto estético por parte de todos os agentes implicados em sua produção. Já Bourdieu objetiva deixar marcado um lugar no mundo da crítica ao investir no entendimento da arte como fenômeno dinâmico, cujo usufruto se desenvolve na razão direta da compreensão de fluxo das posições e das tomadas de posição em um sistema de discurso que alimenta o que se contradiz: buscar o encantamento do presente, bem como a aspiração ao eterno.

Pierre Bourdieu cria seu projeto sociológico da instituição literária com a máxima de que não há uma definição absoluta de escritor, o que leva à compreensão da escrita como um espaço para negociações, colocando à parte

aquele estereótipo romântico do criador não criado. O processo de criação literária não é, assim, produto de uma livre imaginação e inspiração, mas constituinte de um espaço estruturado, que tem o poder de modelar tanto a ação quanto o pensamento de seus participantes, assim como acontece nos demais campos da produção humana. Segundo o teórico:

Se não se pretende remontar sem fim na cadeia das causas, talvez seja preciso deixar de pensar na lógica teológica do “primeiro começo”, que leva inevitavelmente à fé no “criador”: o princípio da eficácia dos atos de consagração reside no próprio campo e nada seria mais vão que buscar a origem do poder “criador”, essa espécie de *mana* ou de *carisma* inefável, incansavelmente celebrado pela tradição, em outra parte que não nesse espaço de jogo que progressivamente se instituiu, isto é, no sistema das relações objetivas que constituem, nas lutas das quais ele é o lugar e na forma específica de crença que aí se engendra (BOURDIEU, 1996, p. 195).

Ao se falar de campo literário, portanto, se trata de uma possibilidade mais flexível do mecanismo ligado à produção, circulação e aquisição do material de arte. Vincula-se, pois, à noção valorativa e implica escolhas que estabelecem a boa ou má aceitação dos produtos em seu interior e sua perdurável ou breve preservação na lembrança do sistema literário. Veja-se o que afirma Bourdieu, no caso do processo de edição de um jovem escritor:

A álea é imensa, com efeito, e as possibilidades de recuperar os gastos quando se edita um jovem escritor são pequenas. Um romance que não faz sucesso tem uma duração de vida (a curto prazo) que pode ser inferior a três semanas. Em caso de sucesso a curto prazo, uma vez subtraídos os gastos de fabricação, os direitos autorais e as despesas de difusão, restam cerca de 20% do preço de venda do editor, que deve amortizar os não vendidos, financiar seu estoque, pagar seus gastos gerais e seus impostos. Mas quando um livro prolonga sua carreira além do primeiro ano e entra no “acervo”, constitui uma “reserva” financeira que fornece as bases de uma previsão e de uma “política” de investimentos a longo prazo (1996, p. 165-166).

Esquece-se, portanto, da função que editores de livros, leitores, escritores e críticos exercem individualmente para que sejam enquadrados por meio de

uma lógica interativa. Bourdieu, então, parte do conceito de que o autor produz sua obra e, ao mesmo tempo, é produzido pelo campo literário.

Longe de diminuir ou destruir a obra de arte, o estudo de Bourdieu defende que uma análise de cunho científico do contexto social de produção e de recepção de um produto pode intensificar a experiência literária. Seu postulado é de que o processo de criação do produto literário é conduzido por uma lógica específica do campo, dentro do qual se encontram forças inspiradoras de interesses que permitem duração histórica à obra.

Como exemplo dessa análise científica do campo literário, veja-se a obra *O iluminismo como negócio*, de Robert Darnton, a qual retrata o processo de criação e difusão da *Enciclopédia*, de Diderot e d'Alembert. Embora o Darnton (1996, p. 401) afirme que essa não tenha sido um fenômeno na história editorial, mas uma das mais grandiosas iniciativas do século XVIII, pode se compreender como se dava a circulação de obras literárias na época. O pesquisador remonta a questão das edições *in folio*, *in quarto* e *in octavo*, suas edições piratas, as edições de texto não autorizada feitas pelos editores, contrabando, publicidade enganosa, privilégios, entre outros episódios.

A *Enciclopédia*, pois como vê o pesquisador, não seria somente uma difusora das ideias iluministas a seus receptores, mas também um retrato do mercado editorial da época: editores em combate, trabalhadores da base de produção comprometidos, hábeis difusores da obra e livreiros em dificuldades. Tais processos contribuem para que a obra se torne o que se chama hoje *best-seller*.

Entendidos esses conceitos sobre a circulação da obra artística, especificamente a literária, veja-se, na próxima seção, o caso da literatura juvenil, que embora tenha sido ignorada pela teoria, sua produção tem obtido enorme crescimento e o rótulo “juvenil” tem sido amplamente utilizado nas editoras, escolas, bibliotecas, guias de leitura, entre outros.

A literatura juvenil e o mercado editorial

Opera-se, hoje, de modo diferente daquele da sociedade tradicional antiga. Em vez de considerar sábio quem acumulou conhecimentos e experiências por toda a vida, projeta-se que é o adolescente quem sabe. Há, portanto, uma supervalorização da autoaprendizagem pela nova geração, o que é um engano para os pais, que pensam ser o seu saber e valores obsoletos. Renunciam, assim, a função de educadores. Corso afirma que “Vivemos então um momento de passagem do conflito entre gerações para um conflito de acomodação de espaço entre as gerações. Não se compreenda por isso uma calma entre pais e filhos, em absoluto, apenas acredito ver uma modificação na qualidade de litígios” (1999, p. 120).

Os conflitos entre pais e filhos acabam sendo não mais a disputa entre o novo e o velho, mas a contestação pelo espaço próprio. Nessa mesma perspectiva de transformações tem-se a literatura juvenil, que assim como o aparecimento da juventude, é um fenômeno recente na sociedade. O aumento considerável de leitores jovens proporciona também a promoção da literatura, podendo-se ver o crescimento do mercado dos livros e o surgimento de muitos escritores e obras. O mercado de consumo aumenta, e, ao longo do tempo, gráficas e editoras investem na repaginação e divulgação dos produtos, acompanhando o processo de globalização.

Com o aumento de leitores, proporcionado pelos programas de incentivo à leitura literária nas escolas, o quadro torna-se vulnerável à inserção da literatura de massa para os jovens, isso também devido ao crescimento das tecnologias de edição e distribuição de livros. Quanto ao assunto, Padrino reflete: “Aonde começa a arte? Aonde começa a literatura? Aonde acabam as autênticas realidades artísticas ou literárias para entrar nos produtos

subartísticos ou subliterários dedicados ao ‘consumo das massas’” (2005, p. 67). Os números, segundo a pesquisadora Alice Martha, são crescentes:

Nos últimos quarenta anos, o mercado de publicações para crianças e jovens cresceu em números de títulos e de tiragens, como perfil específico. Na década de 70, período em que Lajolo e Zilberman (1982, p.124) detectaram o desenvolvimento de um comércio especializado, o gênero representava 8% da tiragem dos lançamentos editoriais. Trinta anos depois, o número de exemplares vendidos já corresponde a 25% do mercado, se não mais, sempre com expectativa de expansão. Tal crescimento pode ser justificado por investimentos de editoras e livrarias, empreendedoras no que tange ao aspecto editorial e mercadológico, e também por maciços investimentos do Governo Federal, que vem promovendo, com a aquisição regular de livros para crianças e jovens, a duplicação da produção anual, que costumava ser algo em torno de 30 milhões (MARTHA, 2008, p. 9).

Porém, ao contrário do que se previa, surgem novos textos de qualidade, assistidos por fatores externos. Esses dão conta de tratar de temas da realidade, portanto, passam a aparecer obras de tom crítico ao sistema social e econômico brasileiro, assim como livros que tratam de assuntos das camadas minoritárias da sociedade.

143

Obras de gênero policial, de aventura ou ficção científica não se extinguem, mas são modificadas, deixando à parte os lugares-comuns das histórias tradicionais. Abordando a questão das transformações familiares e da sociedade, sobretudo nas últimas décadas, aparecem inúmeros textos de caráter intimista, que buscam tratar de temas como conflitos da juventude, relacionamento entre pais e filhos (nesse assunto, muitos livros que abordam a falta da figura paterna no lar), relações afetivas e profissionais, busca de identidade, valores, preconceitos, etc.

Assuntos pertinentes à juventude começam, portanto, a ser mais abordados. Como reitera Padrino, “[...] se existe ou não essa chamada literatura juvenil deve situar-se, na realidade, mais em uma mudança social que tem em seu

centro a realidade juvenil que na aparição ou revitalização desse gênero específico” (PADRINO, 2005, p. 66).

O mercado editorial, atualmente, oferece aos leitores jovens uma vasta coleção de obras catalogadas como literatura juvenil. Observa-se que a maioria dos livros direcionados a essa faixa de idade apresenta construções que se assemelham. As narrativas exemplificam situações, muitas vezes, de caráter intimista, com temas como busca de identidade, relações afetivas e amorosas, dentre outros. Tendo em vista a grande produção de livros desse gênero, avalia-se a obra *As crônicas de Nárnia*, enquanto produto da criação literária. Começa-se, portanto, com uma biografia do autor e sua consideração sobre seu escrito.

C. S. Lewis, autor e crítico

Clive Staples Lewis nasce em Belfast, na Irlanda, aos 29 dias do mês de Novembro de 1898 e morre em Oxford, na Inglaterra, a 22 de Novembro de 1963. C. S. Lewis, como era conhecido, faz carreira como professor universitário, teólogo anglicano, poeta e escritor. Destaca-se pela sua pesquisa acadêmica sobre literatura medieval e pela apologética cristã que desenvolve através de vários livros e conferências. Também é conhecido por ser o autor da série infanto-juvenil *As crônicas de Nárnia*, composta por sete volumes, a qual lhe rendeu a vitória inúmeros prêmios, incluindo a medalha de Carnegie.

Lewis é reconhecido por uma inteligência privilegiada, pelo seu estilo espirituoso e pela sua imaginação. Entre suas principais obras estão *O regresso do peregrino* (1933), *O problema do sofrimento* (1940), *Milagres* (1947), e *Cartas de um diabo ao seu aprendiz* (1942). Escreveu também o conjunto de obras de ficção científico-religiosa, conhecido como Trilogia Espacial: *Além do planeta silencioso* (1938), *Perelandra* (1943), e *Aquela*

força medonha (1945). Para crianças, ele escreve uma série de contos, iniciando com “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”, em 1950. Sua autobiografia, *Surpreendido pela alegria*, é publicada em 1955. Mais de 200 milhões de cópias de seus 38 livros são vendidas, sendo todos traduzidos para mais de trinta línguas.

O autor e crítico mantém amizade com o escritor J. R. R. Tolkien durante décadas e aconselha o criador da trilogia *Senhor dos Anéis* (um dos trabalhos mais populares da literatura do século XX) quanto à produção de sua obra. O livro provavelmente não faria sucesso, não fossem as opiniões de Lewis. Observa-se já, aí, o olhar atento do escritor ao mercado editorial e a preocupação com a aceitação da obra no mesmo. Nos mesmos moldes, porém sobre sua própria obra, *As crônicas de Nárnia*, Lewis disserta:

Não preciso lembrar o público a quem me dirijo de que a classificação rígida dos livros segundo faixas etárias, tão cara a nossos editores, tem uma relação muito vaga com os hábitos dos leitores reais. Aqueles que são censurados quando velhos por lerem livros de criança também eram censurados quando crianças por lerem livros escritos para os mais velhos. Nenhum leitor que se preze avança obedientemente de acordo com um cronograma. A distinção, portanto, é sutil; e não sei exatamente o que me fez sentir, num determinado ano de minha vida, que o que eu devia escrever - ou deixar jorrar - não era somente um conto de fadas, mas exatamente um conto de fadas para crianças. Em parte, acho que essa forma me permite, ou obriga, a deixar de fora certas coisas que eu queria mesmo deixar de fora: obriga-me a concentrar toda a força do livro nas palavras e atos dos personagens. Ela coíbe o que um crítico generoso, mas perspicaz, chamou de “o demônio expositivo” que vive em mim, e também impõe certas restrições muito frutíferas ao tamanho da obra (2009, p. 746).

Lewis, portanto, coloca à parte aquela concepção do autor incriado, pois seu processo de criação constitui um espaço estruturado, que visa atingir ação e pensamento de quem dele participa, buscando, conforme suas tomadas de posição, encantar o presente e aspirar ao eterno. Isso é o que o autor prevê em seu conjunto de obras mais famoso, detalhado a seguir.

As crônicas de Nárnia enquanto produto

O livro *As crônicas de Nárnia* é uma série constituída de sete contos fantásticos escritos pelo autor irlandês Clive Staples Lewis. Considera-se a obra mais famosa do autor, tendo sido vendidas mais de cem milhões de cópias em 47 idiomas, incluindo edições em Braille. Três dos setes contos foram adaptados para o cinema, dentre eles *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (2005), dirigido por Andrew Adamson; *As crônicas de Nárnia: Príncipe Caspian* (2008), do mesmo diretor; *As crônicas de Nárnia: a viagem do Peregrino da Alvorada* (2010), com direção de Michael Apted. O conjunto de histórias foi escrito em Londres, entre os anos de 1949 e 1954, sendo o primeiro conto, intitulado “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”, publicado no Reino Unido em outubro de 1950 pelo editor de livros Geoffrey Bles. Seguidos pelos contos “Príncipe Caspian” (1951), “A viagem do Peregrino da Alvorada” (1952), “A cadeira de prata” (1953), “O cavalo e seu menino” (1954), “O sobrinho do mago” (1955) e “A última batalha” (março de 1956).

146

A obra *The Chronicles of Narnia*, publicada originalmente em inglês, foi traduzida, em sua quase totalidade, para a língua portuguesa por Paulo Mendes Campos, tendo sido o último conto, “A última batalha”, traduzido por Silêda Steuernagel. No país, a primeira edição da obra foi feita pela editora Edições de Ouro, ao fim da década de 1970, mas nem todos os contos são publicados. Já na segunda, realizada pela ABU Editora, o conjunto de obras apresenta-se completo, com os seguintes títulos: “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa” (1982); “Os anéis mágicos” (1983); “O cavalo e o menino” (1984); “O príncipe e a ilha mágica” (1984); “O navio da alvorada” (1985); “A cadeira de prata” (1986); “A última batalha” (1987). A edição atual pertencente à WMF Martins Fontes, que mantém o projeto gráfico do interior da obra.

As ilustrações originais de Pauline Baynes consistem em vinhetas em preto e branco que introduzem os capítulos. Antes de cada conto há uma ilustração e,

em alguns dos contos, há o desenho de mapas para a localização do leitor no espaço geográfico da narrativa. A ilustração de capa do volume único difere da edição original, já que apresenta um formato distinto das configurações gráficas. Enquanto a ilustração atual se mostra um design mais moderno e atrativo aos leitores, a original vem com cores e desenhos mais suaves e coloridos, parecendo voltar-se ao público infantil. Sobre isso, Aguiar discorre:

Até o aspecto físico dos livros atualiza-se e editores investem em propaganda, vendendo também em bancas de revistas, farmácias e supermercados. O novo espaço que o livro conquista está de acordo com os caminhos da cultura [...], toda ela apoiada pela comunicação e a globalização crescentes (2012, p. 8).

O conjunto de obras segue uma ordem cronológica de fatos que não coincidem com a ordem de publicação. O volume é organizado com a seguinte sequência de contos (que não são publicados separadamente nessa ordem): “O sobrinho do mago”; “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”; “O cavalo e seu menino”; “Príncipe Caspian”; “A viagem do Peregrino da Alvorada”; “A cadeira de prata”; “A última batalha”.

147

A atual editora da obra, a WMF Martins Fontes, publica a obra pela primeira vez no ano de 2002, em livros encadernados e separados. Em 2005, é publicada a primeira edição em brochura. Estima-se que, enquanto propriedade da Editora ABU, a obra tenha sido pouco demandada, por isso passa à propriedade da Martins Fontes. A adaptação fílmica, em 2005, contribui, então, para que o livro - principalmente o volume único - se torne carro-chefe da empresa.

A obra se encontra entre as páginas principais da própria editora e entre os livros mais vendidos da Livraria Cultura, por exemplo, e do site de compras Submarino. O aumento da demanda do produto, pelo público juvenil, também desperta interesse nas escolas, que equipam suas bibliotecas com seus

exemplares. A grande circulação da obra a eleva ao *status* de *best-seller*, o qual Bourdieu faz a seguinte distinção:

Assim, é total a oposição entre os best-sellers sem futuro e os clássicos, best-sellers na longa duração que devem ao sistema de ensino sua consagração, portanto, seu mercado externo é duradouro. Inscrita nos espíritos enquanto princípio de divisão fundamental, ela funda duas representações opostas da atividade do escritor e mesmo do editor, simples comerciante ou descobridor audacioso, que só pode ser bem-sucedido se reconhece plenamente as leis e as apostas específica da produção “pura” (1996, p. 169).

O reconhecimento do produto é tamanho, que a Harper Collins - Reino Unido, editora original da obra (1950-1956), celebra, no ano de 2010, os sessenta anos de sucesso de *As crônicas de Nárnia*, lançando uma nova edição do livro. Em seu site, a empresa emite a nota com a novidade ao leitor:

Em celebração ao 60º aniversário de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* - o livro que primeiro introduziu leitores à terra de Nárnia - esta edição de luxo é lindamente encadernada em capa dura com elegantes bordas douradas e fita marcadora, embrulhada em uma caixa. Possui uma linha do tempo colorida da história *narniana* e excertos de *Beyond the Wardrobe*, que oferece mais detalhes sobre personagens, lugares, batalhas, e magia de Nárnia. Esta edição também vem com um mapa colorido ideal para emolduramento².

148

Todas essas informações e conceitos levam à conclusão de que a juventude é um fenômeno recente e suas transformações ao longo da história são evidentes. Enquanto os livros juvenis da década de 1970 e 1980 voltam-se para a crítica ao sistema social e econômico da sociedade, os de hoje direcionam-se a questões intimistas. O crescimento da leitura entre os jovens provoca uma grande demanda de textos juvenis, o que estimula a economia.

² “In celebration of the 60th anniversary of *The Lion, the Witch and the Wardrobe*—the book that first introduced readers to the land of Narnia—this deluxe edition is a beautifully bound hardcover with elegant gilded edges and a ribbon bookmark, housed in a matching slipcase. It features a full-color timeline of Narnian history and excerpts from *Beyond the Wardrobe*, which offers more insight into the characters, places, battles, and magic of Narnia. This edition also comes with a full-color map ideal for framing”. Tradução nossa.

O processo de globalização, por sua vez, contribui com a modificação do ritmo de leitura desse público. Nota-se também o aumento das adaptações cinematográficas de livros, o que acaba motivando a procura pelas obras originais.

O jovem de hoje configura-se como leitor curioso, que tem nos filmes e nas mídias o desafio de procurar as histórias das quais se falam. A série *As crônicas de Nárnia* é exemplo dessa busca. Porém, apesar da atual promoção da obra pela adaptação cinematográfica de três dos sete contos da obra, não se pode anular seu histórico de grande sucesso de vendas em todo o mundo, o que a faz ser reconhecida como uma das obras mais lidas e demandadas pelos leitores de hoje.

Todo esse movimento da obra em questão no mercado editorial revela as regras que regem a produção literária e destacam a posição e tomadas de posição do autor, levando em conta as instituições e o campo de poder. Confirma-se, aqui, a máxima de Bourdieu que a análise de cunho científico do contexto social de produção e de recepção de um produto intensificam a experiência literária.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária: da teoria à prática social. In: LIMA, Aldo de (Org.). *O direito à literatura*. Recife: UFPE, 2012. p. 141-158.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. Pierre Bourdieu e as regras do campo literário. *Veritas*, Porto Alegre, v. 41, n 162, p. 237-241, jun. 1996.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. *Projeto de pesquisa*. Porto Alegre: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CORSO, Mário. Admirável mundo *teen*. In: CONGRESSO Internacional de Psicanálise e suas Conexões. Rio de Janeiro: [s. Ed.]. 1999.

DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da Enciclopédia - 1775-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GONÇALVES, Sabrina Rosa. *As crônicas de Nárnia, de Clive Staples Lewis: narrativas exemplares para jovens*. 2012. 56f. Monografia (Graduação em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

HARPER Collins Publishers. *The Chronicles of Narnia 60th Anniversary Edition*. Disponível em: <<http://www.harpercollins.com/book/index.aspx?isbn=9780061721083>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

LEWIS, Clive Staples. *As crônicas de Nárnia*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. A literatura infantil e juvenil: produção brasileira contemporânea. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 9-16, abr.-jun. 2008.

MARTINS Fontes. *As Crônicas de Nárnia*. Disponível em: <http://www.martinsfontespaulista.com.br/ch/bav/0/Ano_de_Publicacao/De_crescente/20/1/0/0/-/TUFVSVEIOUy1GT05URVM=/-/0/QVMtQ1JPTklDQVMtREUtTkFSTklB.aspx?PBP=QVMtQ1JPTklDQVMtREUtTkFSTklB>. Acesso em: 8 dez. 2013.

PADRINO, Jaime Garcia. Vuelve la polémica: ¿existe la literatura... juvenil?. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. K (Org.). *Questões de literatura para jovens*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005. p. 57-72.

Recebido em: 1º de agosto de 2014.
Aprovado em: 12 de dezembro de 2015.